

# ZELIG / 1983

## *Zelig*

Um filme de **Woody Allen**

*Realização e Argumento:* Woody Allen / *Fotografia:* Gordon Willis / *Direção Artística:* Mel Bourne / *Figurinos:* Santo Loquasto / *Montagem:* Susan E. Morse / *Música e Adaptação Musical:* Dick Hyman / *Pesquisas de Documentos:* Mary Lance / *Fotografias:* Kerry Hayes / *Efeitos Especiais:* Joel Hynick / *Intérpretes:* Woody Allen (Leonard Zelig), Mia Farrow (Dra. Eudora Fletcher), John Buckwalter (Dr. Sindell), Marvin Chatinover (Endocrinologista), Stanley Swerdlow (Dieticista), Paul Nevens (Dr. Birski), Will Holt (Chanceler Adolf Hitler), Susan Sontag, Irving Howe, Saul Bellow, Bricktop, Dr. Bruno Bettelheim, Prof. John Morton Blum (entrevistas contemporâneas).

*Produção:* Jack Rollins e Charles H. Joffe, para a Warner Bros / *Cópia:* digital, preto & branco e cor, legendado eletronicamente em português / *Duração:* 79 minutos / *Estreia Mundial:* Julho de 1983 / *Estreia em Portugal:* City, Quarteto e São Jorge, em 15 de março de 1984

**Aviso: A cópia que vamos exibir apresenta, por momentos breves, traços de pixelização em algumas partes da imagem.**

---

Ver, hoje, **Zelig**, mais de quatro décadas depois de ter sido feito, é uma experiência bastante interessante para os que se interessam pelo cinema em particular. O reencontro com um dos grandes filmes da década de 80 é apenas parte do prazer. O resto vem por acréscimo, ao depararmos com a espantosa modernidade que o filme hoje apresenta na técnica e na narrativa, e como aquela suporta e transforma esta. Mas principalmente pelo que deriva desta relação e que entretanto o cinema já desenvolveu de forma mais aperfeiçoada através da aplicação dos efeitos digitais e de computadorização na transformação de uma realidade de forma a "sujeitá-la" à narrativa e às "necessidades" do(s) seu(s) personagem(ns).

Imaginemos, por um momento, que chega até nós o primeiro turista de Sirius e que lhe dão a ver este filme de Woody Allen. Nem será preciso invocar extra-terrestres. Entre nós há gente suficiente para "engolir" como real o que é uma construção de ficção, principalmente quando "vê" esse personagem fictício "encontrar" personagens históricos que esse anónimo espectador conhece, vê-lo a seu lado ou mesmo "cumprimentá-lo", principalmente em filmes que se inspiraram no modelo **Zelig**, como **Forrest Gump**, de Robert Zemeckis, em que vemos o herói "dar" um aperto de mão ao presidente Kennedy, entre outras "proezas" (e recorde-se também a notável experiência realizada no filme espanhol **Tren de Sombras**). Como houve para acreditar na estranha desapareção que Staline provocou em documentos fotográficos e filmados dos seus inimigos políticos internos, Trotsky, Bukharine, etc. Exemplo que teve zelosos seguidores noutras latitudes.

Apesar de "pioneiro", e portanto mais "tosco" nos efeitos especiais (a um olhar de hoje, embora seja ainda bastante convincente e, em alguns momentos, perfeito, pedindo meças a **Forrest Gump** e outros semelhantes), **Zelig** é mais radical e audacioso do que qualquer dos filmes que se fizeram a seguir seguindo a mesma fórmula. Isto porque em vez de fazer o herói ter encontros pontuais com a "História", seguindo uma narrativa de ficção clássica, Woody Allen faz do seu Zelig um personagem da "História", que cruza todos os grandes acontecimentos da primeira metade do

século, se "infiltra" neles e faz, por vezes, com que esses acontecimentos dependam dele. Este processo de "falsificação" tem um antepassado ainda mais ilustre: o "Jornal de Actualidades" que conta a história de Charles Foster Kane em **Citizen Kane** de Orson Welles, com o trabalho fotográfico a mimar exactamente o que se fazia nas actualidades. Como Welles fazia com Kane também Allen faz de Zelig um "agente da História". Como Welles naquele segmento do seu filme, também Allen utiliza o registo documental. Mas desta vez a "tempo inteiro" e de forma radical. Aliás, o genérico inicial do filme não podia ser mais esclarecedor: **Zelig**, um "documentário", sendo, no seu caso, a ilustração perfeita daquele jogo de palavras que Agnès Varda usa num dos seus "documentários": "Docu/menteur".

**Zelig** é tratado exactamente como um documentário, como uma pesquisa sobre um singular personagem, o "homem-camaleão", estranha propriedade que lhe permite "identificar-se" (no sentido de "tornar-se idêntico") com quem esteja próximo, e que é objecto de estudo de cientistas, psicólogos e interesse de políticos. Se bem se recordam do trabalho de Allen, o método até nem é novo, sendo utilizado, em tom humorístico (e de paródia a esse tipo de filmes) em **Take the Money and Run/O Inimigo Público**, como não é o recurso a personagens reais que vêm dar verosimilhança à "fraude". O estatuto intelectual de Woody Allen permite-lhe convocar personalidades importantes que "entram" no jogo que ele pretende: em **Zelig** pessoas como Susan Sontag, Saul Bellow e Bruno Bettelheim, entre outros, vem "explicar" ou dar uma opinião sobre o "caso Zelig", como em **Annie Hall** aparecia Marshall McLuhan para avaliar o que Woody dizia a Dianne Keaton na fila para o filme de Bergman.

Mas sendo um cómico por excelência, Woody Allen não hesita em estragar a ilusão de realidade tão bem criada nalgumas sequências. Se bem que o humor percorra em surdina todo o filme, e de vez em quando o gozo se torne evidente, contrabalançando imagens de uma ilusão perfeita de realismo, há dois momentos, pelo menos, em que o burlesco irrompe com torça, "denunciando" a intenção do autor. E não é por acaso que subjacente a elas esteja a sua condição de judeu. A primeira no comício de Hitler com o pequeno burburinho que se desenvolve nas costas do ditador, embora se "adivinhe" algo de paródia devido ao facto de se tomar demasiado visível o trabalho do actor que faz de Hitler. A segunda, porém, é perfeita, tanto na ilusão, como na paródia, devido à forma como esta se manifesta. A imagem mostra-nos o Papa na sua varanda do Vaticano sobre a Praça de São Pedro, e a distância e direcção dão a ilusão perfeita de "realidade" porque corresponde a enquadramentos habituais em qualquer reportagem sobre o Papa. De súbito estabelece-se a confusão e todos se agitam de um lado para o outro. Era o "efeito" **Zelig** e só então nos apercebemos da falsificação da imagem.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico